

Da identificação com a mãe morta ao desinvestimento objetal: um caso clínico

Jordana Beatriz De Marco Carneiro*
Bruno Cavaignac Campos Cardoso**
Deise Matos do Amparo***

RESUMO

A partir do conceito de narcisismo de morte de André Green, o presente trabalho busca compreender o narcisismo de morte materno, os processos de identificações primárias e a função desobjetalizante presentes no “complexo da mãe morta”. Utilizando um caso clínico, foi realizada a análise das relações objetais primárias de uma mãe que apresenta como queixa o desinvestimento para com seus filhos nos períodos gestacionais. A análise do caso aponta para um caráter transgeracional da função desobjetalizante da pulsão de morte materna, pois as repercussões pulsionais na relação com o objeto primário indicam a repetição do desinvestimento anteriormente vivenciado.

Palavras-chave: NARCISISMO; PULSÃO DE MORTE; COMPLEXO DA MÃE MORTA; ANDRÉ GREEN.

ABSTRACT

Based on André Green's concept of death narcissism, this paper aims to understand maternal death narcissism, the processes of primary identifications, and the deobjectifying function present in the "dead mother complex". Using a clinical case, an analysis was conducted on the primary object relations of a mother who complains of disinvestment towards her children during gestational periods. The case analysis points to a transgenerational character of the deobjectifying function of maternal death drive, as the instinctual repercussions in the relationship with the primary object indicate the repetition of previously experienced disinvestment.

Keywords: NARCISSISM; DEATH DRIVE; DEAD MOTHER COMPLEX; ANDRÉ GREEN.

RÉSUMÉ

A partir du concept de narcissisme de mort d'André Green, le présent travail cherche à comprendre le narcissisme de mort maternel, les processus d'identifications primaires et la fonction désobjectalisante présente dans le "complexe de la mère morte". En utilisant un cas clinique, une analyse des relations d'objet primaires d'une mère se plaignant de désinvestissement envers ses enfants pendant les périodes gestationnelles a été réalisée.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: jordanadmc@gmail.com
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0007-6154-3921>

** Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb).
E-mail: brunocavaignac22@gmail.com
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2886-9755>

*** Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (Unb). Doutor em Psicologia pela Universidade de Brasília com Pós-doutorado pela Université Paris V e pela Université Paris XIII.
E-mail: deise.amparo.matos@gmail.com
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4155-9559>

L'analyse du cas pointe vers un caractère transgénérationnel de la fonction désobjectalisante de la pulsion de mort maternelle, car les répercussions pulsionnelles dans la relation avec l'objet primaire indiquent la répétition du désinvestissement précédemment vécu.

Mots-clés: NARCISSISME; PULSION DE MORT; LE COMPLEXE DE LA MÈRE MORTE; ANDRÉ GREEN.

Introdução

O narcisismo foi um conceito desenvolvido por Freud (1914/1974a), pouco modificado ao longo de seus escritos se comparado a outros conceitos que foram revisitados ao longo de sua obra, como as pulsões (*Trieb*) (Freud, 1915/1974b). Estas, que antes se organizavam entre libido de autoconservação e libido sexual (primeira teoria pulsional), repercutiram nas discussões metapsicológicas da época, levantando também, com isso, questões sobre conceito do narcisismo: afinal, quais os destinos das pulsões?

Dessa maneira, a libido teria seus caminhos percorridos entre o que se diz narcísico (autoconservação) e objetal (sexual). O ego comporta a libido em si, para depois direcioná-la ao objeto propriamente dito. Mas a teoria pulsional ainda seria explicada de outra maneira; com a chegada do texto “*Além do princípio do prazer*”, Freud (1920/1974d) muda a perspectiva. As pulsões de autoconservação, sexual, libido objetal e o próprio narcisismo unificaram-se em um mesmo conjunto que, metaforicamente, é representado por Eros (Green, 1988a).

A luta se travaria agora entre pulsão de vida e pulsão de morte; uma defesa de Eros contra a destruição. Pode-se dizer que as pulsões de vida têm um trabalho árduo frente às de morte. Daí em diante, essas pulsões roubam a cena nos debates psicanalíticos, mesmo para aqueles que não as consideravam válidas. Assim, o foco voltado a estas pulsões parece ter contribuído para o esquecimento do conceito do narcisismo, cada vez menos questionado (Green, 1988a).

Freud (1917/1974c), entretanto, situa a melancolia no terreno das neuroses narcísicas e, com isso, posteriormente, a análise da melancolia permite visitar os conceitos de narcisismo e pulsão de morte, e a relação entre eles. Green (1988a), dessa forma, integrará estes conceitos àquilo que veio a chamar de narcisismo de morte.

Os autores pós-freudianos, por outro lado, como Klein, Winnicott e Lacan, não dão ênfase ao conceito do narcisismo propriamente, apesar de este estar presente em suas obras. Ainda assim, as conceituações de alguns desses autores ajudaram a pensar o narcisismo, tendo em vista as relações estabelecidas entre sujeito e objeto, sendo este último real e/ou fantasiado (Winnicott, 1971/2019). Desta forma, a importância do objeto toma um lugar essencial na clínica do narcisismo, pois a volta ao Eu é entendida como uma defesa contra o objeto que decepiona o sujeito (Green, 1988a).

A dependência do outro é primordial, inclusive para a sobrevivência do Eu. Mas o objeto expõe o sujeito a inúmeras incertezas e possíveis frustrações. Diante disso, a proteção narcísica levantada pelo sujeito contra essa dependência é a volta ao Um ou ao Zero (Green, 1988a).

Neste sentido, Green (1988a), em seu livro “*Narcisismo de vida, Narcisismo de morte*”, apresenta o complexo da mãe morta, elaborando este conceito a partir da noção de morte psíquica de uma mãe e o impedimento de investimento objetal. Assim, a mãe busca o desligamento, e não a união, como esperado nos primeiros momentos dos cuidados maternos. Isso porque a pulsão de morte estaria relacionada com o narcisismo negativo, tendo como função a desobjetalização. Em outras palavras, ao contrário do que poderia ser entendido como função objetalizante, algo que liga e une - na pulsão de vida -, a pulsão de morte desligaria o investimento objetal (Green, 1988b). Para uma melhor compreensão do narcisismo de morte no psiquismo materno, faz-se necessário retornar mais detalhadamente à teoria de André Green.

Deste modo, o objetivo deste trabalho é entender o processo de desobjetalização provocado pelo complexo da mãe morta, levando em consideração a complexidade da constituição das identificações primárias no psiquismo materno. Para tanto, pretende-se: ampliar a compreensão do processo das identificações primárias no psiquismo materno, buscar a compreensão do narcisismo e da pulsão de morte e analisar os processos das identificações primárias levando em consideração o narcisismo de morte da mãe e sua função desobjetalizante.

Analisa-se um caso clínico que representa as identificações primárias constituídas no complexo da mãe morta e as repercussões deste fenômeno complexo no psiquismo materno e na relação entre uma mãe e seus filhos.

Dessa maneira, os resultados, que são interpretações metapsicológicas, são atravessados pela contratransferência, de modo a considerar não somente o conhecimento teórico do analista, mas também suas vivências clínicas na construção do caso (Figueiredo & Minerbo, 2006).

A defesa narcísica contra as instabilidades do objeto

Os caminhos percorridos por Freud, durante toda sua teorização, trouxeram reflexões e diferentes interpretações para o campo psicanalítico. Como dito, o narcisismo, de acordo com Green (1988a), não foi mais desenvolvido na obra freudiana para além do que havia sido descrito em “*Sobre o narcisismo: uma introdução*” de 1914. E diferentemente da reação suscitada diante da pulsão de morte, as discussões e desdobramentos a respeito do narcisismo parecem ter ficado para um outro momento (Green, 1988a).

Assim sendo, Green (1988a) resgata que a configuração do narcisismo mantém relação com a sexualidade, sempre presente e preservada em Freud, e, portanto, relaciona-se com as pulsões. O corpo, dessa forma, ganha também um destaque, ao estarem as pulsões na fronteira entre o psíquico e o somático (Freud, 1915/1974b). Desse modo, o narcisismo é compreendido como sucessor do autoerotismo, conservando o próprio corpo como objeto de investimento. No narcisismo, entretanto, por trás da aparência narcísica, sempre há a sombra de um objeto (Green, 1988a).



René Magritte O duplo segredo (1927)

O narcisismo, neste sentido, tem estreitas ligações com o objeto fantasiado e real, uma vez que ambos se confundem, resultando a inscrição de uma mesma realidade no psiquismo. Isso pode fazer do sujeito que enfrenta angústias narcísicas um grande sofredor. Assim,

buscando compreender este sofrimento, Green (1988a) amplia a concepção do narcisismo ao articular este conceito com a pulsão de morte, daí o termo “narcisismo de morte”.

Considerando a relação entre o Eu e o objeto em *“Luto e Melancolia”*, Freud (1917/1974c), ao apontar as características da melancolia a partir do já conhecido processo do luto, apresenta-nos os possíveis sintomas de desinvestimento no mundo externo. Logo, o afastamento da realidade pelo investimento ainda no objeto perdido, encontra justificativa em seu funcionamento, uma vez que a perda do objeto se dá em sua realidade. Inicialmente, há uma recusa em retirar a libido desse objeto, mas paulatinamente o Eu recupera o contato com a realidade. O que significa dizer que, aos poucos, o enlutado tende a retornar a libido para objetos substitutos. Em suma, o luto é um processo motivado por uma perda real que necessita de tempo para ser solucionado (Freud, 1917/1974c).

Por outro lado, a melancolia, além de se manifestar por essas mesmas características, expressa ainda outra: o rebaixamento da autoestima, manifestado, sobretudo, por autorrecriações, o qual tem como condição principal a ambivalência em relação ao objeto amado/odiado. O melancólico, portanto, mantém-se nesse estado enquanto faz terríveis acusações contra si. Mas isso não se dá pela via da culpa ou vergonha, pelo contrário, os auto insultos são enunciados com satisfação.

Freud (1917/1974c) explica esta satisfação pelo gozo em se manter adoecido no meio em que o objeto de amor perdido ainda se encontra. Assim sendo, a perda do objeto de amor na melancolia não se dá necessariamente pela morte real, mas pela perda do ideal antes encontrado naquele objeto (Freud, 1917/1974c).

Dessa maneira, o que vemos na melancolia é a decepção sentida pelo sujeito adoecido para com o objeto perdido. Assim, com essa perda, a sombra do objeto recai sobre o Eu e, por meio da identificação narcísica, o sujeito se mantém, ao longo do tempo, odiando o próprio Eu, agora tratado como objeto. Em suma, as autorrecriações, na realidade, são acusações contra o objeto que antes fora amado. Logo, para mantê-lo vivo, é manifestada a ambivalência característica da melancolia, pois o movimento de amar e odiar o mesmo objeto justifica o prolongamento do estado melancólico. Isso porque, por um lado, o sujeito se defende contra a ameaça da perda do objeto e, por outro, permanece investindo nele (Freud, 1917/1974c).

Sobre a identificação narcísica e a melancolia, sabe-se que a decepção para com o objeto é o que fere o sujeito que sofre de problemáticas narcísicas. Por isso, a perda do objeto, seja pelo luto provocado por uma perda real ou pela decepção para com ele, resulta em uma ferida narcísica que em sua gravidade manifesta-se como depressão. Como “complemento de ser”, o objeto causador da frustração pela dependência que o Eu tem dele, traz, em decorrência da ferida narcísica, a marca da autodepreciação (Green, 1988a).

Nesse sentido, nas problemáticas narcísicas o sujeito se defende contra a dependência do objeto, visto por ele como um objeto-trauma. Isso porque o objeto apresenta seus próprios desejos, não estando à disposição absoluta do sujeito que dele depende. Por esse motivo, esta dissincronia é sentida como traumática quando vivenciada em seu extremo, pois é somente pela separação entre Eu e não-Eu que o objeto perdido é percebido em sua totalidade. Logo, o autoerotismo se mostra como uma alternativa possível ao narcisismo contra a angústia causada por essa perda. E em consequência disso, o sujeito se fecha em uma realidade psíquica que busca a recusa da relação com o objeto-trauma, potencialmente decepcionante e traumático (Green, 1988a).

É preciso ainda considerar que, para o sujeito ser ferido narcisicamente e defender-se contra as relações objetais, é necessária uma intensa decepção. Assim, para chegar ao ponto de defender-se rigidamente, se mantendo em uma solidão, a decepção para com o objeto tem de ser dupla: primeiro, com o objeto materno e, depois, com o objeto paterno, sendo estes externos e internos. Dessa forma, com a impossibilidade de contar com seus objetos primários, resta a si mesmo como única opção para o sujeito. Por isso, o sujeito ferido narcisicamente tenta apagar

a marca do Outro, voltando-se para o estado de narcisismo primário, em que somente o Eu existe, pois, dessa maneira, as tensões da vida relacional não o manteriam em sofrimento (Green, 1988a).

Nesse sentido, Green (1988a) propõe uma diferenciação entre narcisismo de vida e narcisismo de morte. Dessa forma, para melhor compreendermos esses conceitos, lembremos que, para o bebê, não há a percepção da alteridade, tanto que, quando diante da ausência do seio materno, ele o alucina, denunciando a confusão existente entre o Eu e o objeto. Sendo assim, posteriormente, é pela separação que se faz necessária entre o bebê e seu objeto primário materno, que o sujeito iniciará o enfrentamento de inúmeras decepções decorrentes das relações com o objeto, agora percebido como tal.

Diante disso, no narcisismo de vida, essa angústia é enfrentada pela identificação fusional objetal. Isso porque o sujeito tenta retornar a fusão primária vivenciada nos primórdios da vida. Logo, o objeto aqui é idealizado, cumprindo todas as exigências do sujeito. Por outro lado, o narcisismo de morte busca o nada como uma possível resolução para essa angústia, uma vez que, para o sujeito em sofrimento, só lhe interessa a abolição das tensões, atingindo o nível zero das movimentações pulsionais.

Desse modo, visto que a dependência do objeto é traumática, o ódio é o afeto que marca as relações objetais e, por isso, há uma busca pela neutralidade nas relações, destruindo qualquer movimentação pulsional em direção aos objetos. Assim, em último caso, deparamo-nos com uma morte psíquica conduzida pelas pulsões de morte (Green, 1988a).

Isso porque o sujeito busca uma relação fechada nele mesmo, a autossuficiência em detrimento da dependência do objeto. Constrói-se, dessa maneira, uma ilusão de o que o sujeito não se encontra mais vulnerável frente às movimentações da vida relacional. E assim, conduzido por um funcionamento autoerótico, o sujeito se ilude em um aprisionamento. Logo, condicionado ao narcisismo de morte, flerta com as pulsões destrutivas na tentativa de negá-las (Green, 1988a).

O desinvestimento psíquico e relacional

Para melhor compreendermos o conceito de desinvestimento, é necessário resgatarmos as ideias de ligação e desligamento manifestadas pelas pulsões de vida e de morte, como proposto por Green (1988a). Com isso, o narcisismo não pode ser deixado de lado, já que faz parte do momento originário da pulsão de morte. Como o sadismo, é projetado para fora do sujeito, resquícios de sua pulsão permanecem no Eu e seriam suficientemente perigosos por desencadear o masoquismo, conservando o potencial da autodestrutividade (Green, 2010/2022).

Diante disso, no jogo entre pulsões, é pela narcísica que se teria a expulsão do sadismo originário no Eu. Aqui, através do narcisismo, as forças de vida levariam a melhor, por isso, primeiramente, o narcisismo seria positivo. Em outras palavras, viabilizador da despesa narcísica necessária para a sobrevivência do Eu diante das ameaças aniquiladoras da pulsão de morte. Pulsão de vida, portanto, caracteriza-se pelo investimento e ligação (Green, 2010/2022).

O desinvestimento, por outro lado, representa um “curto-circuito” no processo de ligação viabilizado pelo investimento libidinal. Dessa forma, a pulsão de morte afeta o investimento em elementos psíquicos do sujeito, atingindo representações e objetos. Essa devastação mortífera pode apresentar um agravamento considerável quando alcança elementos organizadores psíquicos. Desse modo, temos a configuração de um funcionamento



correspondente ao narcisismo de morte, ou seja, o desinvestimento provocado pela pulsão de morte atinge a própria estrutura narcísica (Green, 2010/2022).

Assim, esse desinvestimento no trabalho psíquico explica a compulsão à repetição do “*Além do princípio do prazer*” (Freud, 1920/1974d), uma vez que é este “curto-circuito” que cria a impossibilidade de investimento objetual e a ligação das representações psíquicas. Dessa forma, Green (2010/2020) reformula a teoria pulsional freudiana, acrescentando a junção da pulsão com o objeto (pulsão-objeto) e deslocando o objeto para um papel fundamental das pulsões: função objetualizante das pulsões de vida e função desobjetualizante das pulsões de morte. Em outras palavras, as pulsões desempenham funções que objetualizam ou desobjetualizam elementos representacionais.

Assim sendo, a pulsão de vida, ao objetualizar, transforma diferentes estruturas em objetos mesmo que não haja a atribuição deste como tal. À guisa de exemplo, podemos pensar no estado melancólico que transforma o Eu em objeto. Neste caso, a pulsão de vida objetualiza, enquanto a pulsão de morte o desobjetualiza, por tentar destruí-lo com sua intensidade mortífera (Green, 2010/2022).

Desse modo, levando em consideração o desinvestimento mortífero voltado aos próprios elementos psíquicos organizadores e ao objeto, discutiremos em seguida esses processos manifestados no complexo da mãe morta de Green (1988a). Isso porque, neste complexo, o desinvestimento impulsionado pela função desobjetualizante domina o psiquismo materno e marca definitivamente os modos relacionais do sujeito desinvestido pela mãe morta.

A mortificação psíquica no complexo da mãe morta

A morte da mãe no complexo da mãe morta, ocorre internamente, não sendo uma morte real. Referimo-nos aqui à morte psíquica da mãe, que resulta na constituição de uma imago morta no psiquismo da criança. Assim, a perda do objeto, inerente ao desenvolvimento humano, acontece precocemente. Logo, a pequena criança enfrenta a angústia intensa da perda do objeto parcial materno, ou seja, do seio que, metaforicamente, é representante da mãe (Green, 1988a).

Para tanto, a criança recorre comumente à metáfora quando confrontada com a perda do objeto, uma vez que se vê diante do vazio da depressão. Neste sentido, a metáfora do seio que representa a mãe, carrega consigo elementos que remetem à relação dual primitiva, sendo esses elementos o cheiro, a pele, o olhar e a voz da mãe. Podemos concluir que a mãe de que falamos aqui, também se constitui como metáfora, mas, nesse caso, a metáfora que representa uma mãe morta (Green, 1988a).

Isso porque, por se tratar de uma perda precoce sem capacidade de elaboração da criança, a imago materna sofre bruscamente a mudança de um objeto vivo a um objeto morto. Em suma, há uma perda de sentido na relação estabelecida com a mãe. E diante disso, a criança tenta salvar-se pela triangulação edípica precoce, mas que se mostra ineficiente, uma vez que seu pai não responde. Isso acontece porque, por vezes, o pai se volta apenas para a morte psíquica da mãe, ou a abandona, concretizando mais uma falha nas funções parentais da criança (Green, 1988a).

Em seguida, após vãs tentativas de defesa, o Eu da criança dispõe de outras formas defensivas, estabelecendo o caráter narcísico do funcionamento do complexo da mãe morta. A criança, assim, conta com o desinvestimento no objeto materno e com a identificação com a mãe morta como última alternativa contra as angústias que a invadem. O desinvestimento, neste caso, é o assassinato do objeto pelo desinvestimento afetivo e representativo. Este desinvestimento deixa um buraco no lugar da relação com a mãe; um vazio que impede o investimento em novas relações objetuais substitutivas (Green, 1988a).

A outra defesa disposta pelo Eu - identificação -, é em espelho e ocorre inconscientemente. Assim, o sujeito quando não podendo ter o objeto, para não o abandonar por completo, passa a querer sê-lo. A identificação em espelho com a mãe morta leva o sujeito ao aprisionamento em um desinvestimento nas relações objetais. Isso ocorre porque a identificação não pode se estabelecer positivamente com o objeto, por ser um buraco, (um vazio) a identificação se dá com este buraco que marcou a ausência de investimento libidinal na relação mãe-bebê. Assim sendo, o luto da mãe morta é um luto impossível, trazendo uma sensação de maldição que impede o estabelecimento de novas relações objetais (Green, 1988a).

Neste sentido, a característica predominante desse complexo é de uma mãe internamente morta, mas viva em sua externalidade. Dessa maneira, para o filho que compõe esta relação paradoxal (morta/viva), há o impacto de uma intensa ambivalência, visto que, ao alimentar a mãe morta, teme reanimá-la e ser abandonado. Assim, a mãe, na possibilidade de constituir seus próprios desejos, seria o objeto completamente perdido. Mas, ao mesmo tempo, ao alimentá-la, mantém também o vazio deixado por ela, sem a possibilidade de outra relação objetual preenchê-lo. Isto significa que pelo sujeito estar aprisionado a mãe morta, essa se transforma na filha de seu próprio filho (Green, 1988a).

Neste sentido, segue-se o relato de um caso clínico para melhor ilustrar os fenômenos psíquicos discutidos ao longo do texto. Trata-se do caso de uma mãe que como queixa, apresentava a dificuldade de investir afetivamente na relação que tentava estabelecer com seus filhos. Assim sendo, no relato do caso foi utilizado um nome fictício para evitar sua identificação.

O narcisismo de morte materno

Thânia foi encaminhada para análise há cerca de dois anos e, desde então, é atendida. A necessidade deste encaminhamento verificou-se a partir do atendimento psicológico de sua filha, por esta apresentar como sintoma o ato de ferir-se (escarificação). Assim, pelo fato de os atendimentos da adolescente envolverem o acompanhamento da mãe, foi proposto a Thânia que ela também fosse atendida, já que seu sofrimento e as consequências disso eram percebidas diretamente na relação entre ela e sua filha. Isso porque o atendimento de adolescentes, muitas vezes, exige também, o atendimento paralelo de seus pais (ou daqueles que se responsabilizam pelos cuidados dos adolescentes), como condição de uma melhor condução do caso.

Sendo assim, a demanda inicial apresentada por Thânia envolvia preocupações para com esta filha. Além disso, Thânia falava sobre a separação entre ela e o pai de seus filhos e as repercussões atuais dessa ruptura. Thânia tem quatro filhos: de vinte e quatro, dezessete, doze e nove anos. Tendo sido o primeiro deixado aos cuidados de sua mãe logo após o nascimento dele.

Na sequência, Thânia conta que foi “para a cidade” ainda muito nova para trabalhar e ajudar a família. Fala de uma vida na “roça” vivida com muita dificuldade. A mãe trabalhava todos os dias para garantir ao menos uma refeição diária. Seu pai se ausentava durante longos períodos, pois precisava trabalhar, e, ao retornar, vivia uma relação de muita violência com a mãe de Thânia. Ela diz que a mãe tinha que ser mais agressiva que seu pai para ele recuar com suas agressões. Thânia lembra que a mãe engravidava quando o pai retornava para casa e conta que este não viu os filhos nascerem; passava cerca de dois anos fora entre esses períodos. Assim, concluímos que os primeiros cuidados maternos foram marcados pelo ódio e solidão sentidos por sua mãe frente à ausência e agressividade de seu pai.

Sendo assim, as relações objetais primárias de Thânia parecem estar de acordo com o complexo da mãe morta apresentado. Isso porque, em sua história de vida, as relações são com uma mãe morta e um pai inacessível, que deixa a solução nas mãos da dupla: mãe e filha. A mãe, como dito anteriormente, morre psiquicamente, constituindo uma relação mantida somente pela presença física. A mãe não deixa de prover os cuidados maternos, pois, no caso

de Thânia, sua mãe passava o dia inteiro tentando garantir a sobrevivência dos filhos. O seio, porém, - como metáfora - não preenche e nem é preenchido, pois o toque que carrega o cheiro, o olhar e a voz da mãe se perdem, já que sua mãe não se encontra afetivamente presente. Sozinha, dando conta do possível e impossível, a mãe de Thânia não conseguiu olhar para a filha, resultando em uma ferida narcísica em Thânia, pois, nas profundezas de sua origem, o objeto falhou, ou melhor, os objetos falharam, pai e mãe, internos e externos – a dupla decepção.

Neste sentido, sobre a ferida narcísica, Green (1988a) discorre a respeito da estrutura enquadrante possibilitada pela alucinação negativa da mãe. Esta estrutura interna surge a partir de uma dupla constatação: da ausência e da perda do objeto primário resultantes da separação mãe-criança. Isso faz com que um continente interno seja estruturado para que o sujeito tenha em si um espaço de depósito das pulsões eróticas e agressivas provindas do interno e externo, de modo que isso seja mantido dentro deste quadro vazio deixado pela mãe. Assim, no desenvolvimento do sujeito a presença da mãe é sentida mesmo em sua ausência. Por ter se estruturado no quadro vazio da investidura, o sujeito mantém a sensação de que foi investido por um objeto vivo (Green, 1988a).

Thânia, no entanto, não parece ter um espaço de segurança no investimento narcísico e com isso, seu espaço se mostra mais conflitivo do que seguro na ausência do objeto. Há uma luta travada contra o desaparecimento dessa mãe. Ela tenta alcançar a imagem da mãe buscando algo vivo que pudesse ser mantido internamente sem conflitos. Mas o que Thânia encontra é o objeto morto, sem emanções de investimentos ao não olhar afetivamente para a filha.

Para lidar com a perda precoce do objeto materno, Thânia se defendeu pela identificação com o buraco deixado por seu objeto primário. Buraco da ausência psíquica, sem investimento para com ela narcisicamente. A mãe morta carrega consigo seu próprio sofrimento, perdas e decepções. Acredita-se que sua mãe fez o que podia frente às suas próprias dores. Para a pequena criança adoecida, porém, um apoio (Winnicott, 1971/2019) faltou. Hoje, Thânia tem medo da solidão. Ela não se sente segura sozinha em suas próprias tentativas de proporcionar um cuidado materno para seus filhos, dizendo sobre a relação com o pai deles, que queria alguém para “*participar*” com ela.

Neste sentido, as angústias narcísicas perpassam pelo Eu e pelos objetos, e uma intrusão é sentida na mínima chance de fusão com objeto. Por outro lado, não o ter também lhe causa dor. É o terror em possuir o objeto causador de traumas, uma vez que tem seus próprios desejos, tempo e necessidades. Por isso, o sujeito que sofre dessas angústias narcísicas prefere tê-lo a não tê-lo, e assim, para si e consigo, se acha protegido das idas e vindas do objeto. Como exposto, a mãe morta é um objeto morto enterrado vivo, que deixa um vazio não estruturante e, portanto, a identificação com o buraco deixado por ele é um espaço nunca preenchido.

A transgeracionalidade: a mãe morta filha da filha

Ser mãe para Thânia é como perder a vida. Sua mãe sempre lhe dizia: “*não tenha filhos*”. Que mensagem queria passar? Que os filhos atrapalham a vida. Quando um nasce, é para ele que se vive. Algo dito por uma mãe que se responsabilizava sozinha pelos cuidados maternos para com seus filhos, uma mãe que tinha de enfrentar o marido, e ficar só. Uma mãe morta... Thânia parece saber disso. Agora com seus filhos, sente a dificuldade de investi-los. O primeiro é abandonado e é também sua maior dor. Conta sobre uma gravidez difícil, sozinha. Assim, como as de sua mãe. Ficou na cidade e não contou para ninguém, tentou fazer de tudo o que lhe diziam ser abortivo, mas no final teve o bebê. Voltou pouco antes de tê-lo para a casa dos pais, mas sua mãe não estava presente afetivamente como de costume. Será esse o luto de sua mãe? Tornar-se mãe?

A atenção materna primária é um estado de loucura que Thânia não pode suportar. A simbiose característica desse momento parece ter feito com que ela revivesse a própria ligação

com o seu objeto primário e, sem a estrutura enquadrante, a desligasse (Winnicott, 1956/2021). Na roça com seus pais, ficou por pouco tempo. Quando foi dar banho em seu filho, ele escorregou. Conta que o bebê quase morreu. *“Ele ficou roxo”*, enquanto ela saiu correndo, gritando como uma “louca” até o posto de saúde da cidade. Seu filho foi atendido e ficou bem. Mas ela não, pois nunca mais foi capaz de dar o primeiro banho em nenhum outro filho. Ali, onde haveria possibilidade de ligação, morreu. Diante da culpa, o desligamento se concretizou. O desinvestimento foi a solução para ela, que fugiu. Voltou para a cidade, deixando seu filho aos cuidados de sua mãe. Thânia diz ter ficado deprimida, que nunca mais fora a mesma, pois uma parte dela se foi.

O abandono e a perda de seu filho parecem contribuir para a sua posição mortífera, onde Eros não mais se faz presente. Dessa maneira, na batalha entre vida e morte, somente o desligamento diante de outras relações objetais se manteve à disposição. *“Uma parte de mim se foi, eu não queria ter mais filhos, não poderia amá-los”*.

Nunca desejou nenhuma gravidez, mas teve mais três filhos. *“Não consigo amar na barriga”*. A primeira defesa à sua disposição é o desinvestimento, é a morte psíquica, pois a depressão da mãe morta a persegue. A decepção com o objeto é traumática. Não há ninguém, só a si mesma. Pela relação transgeracional, foi-lhe passado que morte e mãe caminham juntas.

Vale lembrar, neste ponto, que, no narcisismo de morte, o movimento se dá em direção ao Zero, pois ao se defrontar com a decepção frente à dependência do objeto, é o Neutro que se mostra como alternativa defensiva. Assim, o desligamento dos investimentos objetais é a saída para o sofrimento psíquico. Agora, o confronto não mais se dá entre prazer e desprazer, é o nada que se busca alcançar. Assim, narcisismo e pulsão de morte se encontram, formando uma defesa mortífera poderosa (Green, 1988a).

No caso de Thânia, o desligamento objetal se produziu como alternativa em vários momentos, principalmente nos processos gestacionais enfrentados por ela com muita dificuldade. Atualmente, as pulsões de vida se esforçam por manifestar-se. Há uma luta diária para manter-se trabalhando e cuidar dos filhos. A possibilidade de verbalizar o não desejo materno, pareceu mudar os caminhos percorridos.

Agora, conteúdos mais primitivos começam lentamente a comparecer, caminhos que se abrem às interpretações das relações objetais primitivas, pois a violência vivenciada na relação com o pai de seus filhos (repetida constantemente em sua fala) aparece agora na relação entre seu pai e sua mãe. Pronto. A um passo da percepção, interpretação! *“Será que você não está repetindo a relação de seus pais?”*. Um momento de silêncio... *“Minha mãe dizia para nunca ter filhos, pois depois que se tem, não há mais vida”*. E que vida... a morte em vida.

Neste sentido, a relação entre os pais e as identificações primárias parecem ter sido atravessadas pela morte e pelo ódio. Essas foram as alternativas deixadas a ela, sendo a “mãe” um significante que carrega o significado da morte, pois tornar-se mãe é acabar com a própria vida. A sombra do objeto materno psiquicamente morto caiu sobre seu Eu.

A relação analítica

A princípio, parecia que Thânia não se manteria em análise. Ela faltava aos primeiros atendimentos e não sentíamos nenhuma ligação. Depois de um ano atendida, pede para não ser esquecida nos períodos de férias, que são encarados com o medo do desligamento, de a imagem desaparecer na ausência. Outra característica é que seu discurso era repetido e fechado, como uma criança que conta o dia para a mãe testemunhá-lo. É assim que sentimos contratransferencialmente, como uma mãe que testemunha o ódio nas relações, o desligamento e o insuportável de seu funcionamento psíquico. Um trabalho de ser continente e receber seus conteúdos mais angustiantes, organizá-los, transformá-los e devolvê-los (Bion, 1959).

Assim sendo, a identificação projetiva é sentida na contratransferência como uma comunicação intersíquica, um testemunho de seu sofrimento e ódio intenso. A sensação que se tem é que nada pode ser pensado e solucionado. Há ataques aos elos de ligação e é preciso utilizar-se da capacidade de pensar sem se deixar atingir demasiadamente (Bion, 1959).

Como no complexo da mãe morta, ao alcançarmos o núcleo do objeto materno primário, a paciente cessa as associações. Isso é percebido, pois pouco foi explicitamente verbalizado sobre conteúdos que envolvem suas relações primárias. Ela não fala dos pais; assim, o estilo narrativo é pouco associativo, pois busca o desligamento, como se a análise fosse de um outro. Isso porque, evitando a revivência, mais do que a reminiscência, há uma defesa contra a invasão do afeto, que, se acontecesse, despertaria o desespero. Diante disso, o que resta são interpretações de fragmentos soltos em meio a repetições. A pequena diferença expressada tem de ser investida narcisicamente, resgatando neste pedaço solto o investimento em novas associações, possibilitando a interpretação das pulsões e das relações objetais (Green, 1988a).

Também, na contratransferência, há o cuidado de não se deixar colocar no lugar da mãe morta, ou do pai inacessível, pois no discurso do sujeito que sofre de uma ferida narcísica, o objeto é o que o sujeito quer que ele seja, repetindo as decepções para se manter em sua clausura. Frente a esse perigo, lembremos que o objeto na análise é paradoxal, não está nem aqui e nem ali, e, por ser um objeto de vínculo, deve manter-se como metáfora (Green, 1988a). À vista disso, diante de tanta pulsão de morte, resta um trabalho: manter-se vivo!

Para tanto, Green (1998a) aponta para o uso do objeto (Winnicott, 1971/2019). Isso porque Winnicott (1971/2019) difere a relação de objeto e o uso do objeto. O uso pressupõe a capacidade do indivíduo usar o objeto, podendo isso acontecer ou não. Assim, só se pode usar o objeto depois de se alcançar a percepção da relação anterior com o objeto subjetivo. Aqui, está a diferença entre uso e relação, pois a relação se dá com o objeto interno. Enquanto para o uso, é necessária a presença do objeto real. Acrescenta-se que o processo para alcançar a capacidade de uso do objeto se dá através da destruição deste, pois é somente assim que o objeto pode ser externalizado.

Neste sentido, para a passagem da relação ao uso, é preciso retirar o objeto da área de controle da onipotência aceitando a natureza real e autônoma dele. Em suma, assumir o objeto em sua própria forma externa. Mas a capacidade de usá-lo só é atingida pela destruição, ou melhor, pela sobrevivência do objeto à destruição. E, por sobrevivência, compreende-se a não retaliação. Assim, o indivíduo pode destruir psiquicamente o objeto, enquanto este permanece vivo e real (Winnicott, 1971/2019).

Sendo assim, a mãe suficientemente boa é aquela que sobrevive e permite o fantasiar, pois sobrevivendo à destrutividade de seu bebê alcança o valor positivo da destrutividade. Logo, com o analista não seria diferente, pois o analisando que não teve um objeto sobrevivente, ou ainda, que teve um objeto morto, não pode fazer uso do analista. Sendo incapaz de destruí-lo para poder externalizá-lo, mantém somente em relação com o objeto subjetivo. Portanto, transferencialmente, é preciso ser um objeto vivo, real, que suporte os ataques, pois sobrevivendo a eles é possível que da relação se faça uso (Winnicott, 1971/2019).

Logo, ser viva diante de Thânia é investir narcisicamente em seus fragmentos. É deixar-se ser testemunha de suas agonias, sustentando a escuta e o olhar. É mostrar-se atenta e interessada, ocupando o espaço transicional ali fornecido. É, sobretudo, sobreviver aos ataques destrutivos de morte. Fazer-se pensar e resgatar, junto a Thânia, aquilo que ainda vivo pulsa timidamente em momentos tomados pela desobjetualização. Assim, sendo viva, é possível oferecer o espaço para que a decepção para com objeto seja encarada, sentida e simbolizada. Que a mãe morta se vá, não sem sofrimento, mas que as reservas das forças das pulsões de vida sejam agora libertadas (Green, 1988a).

Conclusão

A conceituação do narcisismo de morte e do “complexo da mãe morta” de André Green edificaram o presente trabalho. Como proposto, a partir da análise do caso, ampliou-se a compreensão acerca das relações primárias e da função desobjetalizante da pulsão de morte no psiquismo materno. Assim, a interpretação dos conteúdos emergentes desta análise, levou-nos aos traços transgeracionais entre mãe e filha, pois as próprias relações de objeto desta mãe, conduziram a relação estabelecida atualmente com seus filhos.

Dessa forma, o narcisismo de morte e suas repercussões na relação mãe-criança, sobretudo na vivência diante da morte psíquica da mãe, repetem as clivagens em sua nova relação dual primitiva. Mas as novas colorações identificatórias podem valer-se no processo de análise pelo investimento narcísico da mãe em depressão. Isso porque, com o decorrer da análise, a confiança na possibilidade de investimento parece começar a comparecer em seu psiquismo.

Dessa maneira, é possível refletir sobre as questões que permanecem em aberto acerca da natureza transgeracional que o caso aponta. É importante também lembrar, que como método utilizado neste trabalho, a pesquisa com método psicanalítico não procura respostas generalizadas para outros casos clínicos. Por se tratar de uma investigação de fenômenos tão complexos, ficam as interpretações desse caso exposto como reflexões desses fenômenos diante de outros casos que podem apresentar modelos semelhantes.

Diante disso, concluo que o narcisismo ferido de Thânia ainda luta contra o desinvestimento objetal e que o processo de identificação primária aponta para elementos transgeracionais que tornam a mãe psiquicamente morta. Ainda há muito a ser elaborado no trabalho de análise que continua, mas que agora procura novas respostas a novos questionamentos. De todo modo, o que Thânia espera é um objeto vivo: “*que me escute, não me julgue. E que aqui me permita falar*”.

Referências

Bion, W. R. (1959) “Ataques ao elo de ligação”, in *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago.

Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70), 257-278.

Freud, S. (1974a) Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 14, pp. 85-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1974b). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 14, pp. 123-144). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1974c) Luto e Melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 14, pp. 271-292). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1974d) Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. 18, pp.13-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Green, A. (1988a) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

Green, A. et al. (1988b) Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta.

Green, A. (2022) *Por que as pulsões de destruição ou de morte?* São Paulo: Blucher. (Trabalho original publicado em 2020)

Winnicott, D. W. (2019) *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D. W. (2021) Preocupação materna primária. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1956)

Citação/Citation: Carneiro, J. B. M.; Cardoso, B. C. C.; Amparo, D. M. (2024). *Da identificação com a mãe morta ao desinvestimento objetal: um caso clínico*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVI, no. 1.), pp. 102-113.

Recebido em: 14/03/2024
Aprovado em: 08/04/2024